

RESENHA:**Decifrando enigmas em imagens*****Deciphering riddles in pictures***

Por: Sandra Iris Sobrera Abella

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFSC.

RAFFAELLI, Rafael. **Ensaios sobre cinema e pintura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 170p.

O livro “Ensaios sobre cinema e pintura” consiste em interpretações de obras artísticas construídas predominantemente por imagens, seja em movimento – como é o caso dos cinco filmes selecionados para análise – ou seja fixas – cujo representante é o quadro “Primavera”, de Sandro Botticelli.

Os textos referentes aos filmes analisados constituem ensaios, nos quais o autor constrói um discurso visando compreender os filmes em questão, articulando conceitos, teorias e outras obras artísticas. Portanto, o autor recorre a informações extra-fílmicas, buscando assim uma visão mais abrangente e interdisciplinar a respeito das obras focos de sua análise.

No entanto, embora se refira a diversos elementos culturais no sentido de ampliar a compreensão das obras, o próprio autor explicita que não pretende trazer a palavra única, final e definitiva acerca dos significados dos filmes. Mas apresenta suas análises como significados possíveis, fundamentando-as em diferentes elaborações científicas, artísticas e filosóficas que considerou pertinente na busca de elucidação de diferentes enigmas postos pelos filmes. Tais enigmas apresentam-se na forma como o filme é realizado, em sua temática ou na própria história que é relatada.

Portanto, o autor selecionou cinco filmes que costumam causar estranhamento e apresentam algum tipo de dificuldade para a sua compreensão,

principalmente quando os espectadores não possuem algumas informações e conhecimentos que facilitariam e ampliariam a sua compreensão. Tal dificuldade decorre principalmente da temática apresentada caracterizada pela complexidade, mas também, embora tendo recebido um enfoque secundário, pela forma fragmentada e descontínua em que muitas dessas temáticas são apresentadas. Cada ensaio sobre os filmes recebeu um título, evidenciando um determinado rumo para a interpretação, em detrimento de outras possibilidades. Isto não ocorreu no caso do texto sobre o quadro, com título homônimo.

Para a análise, o autor utiliza-se de um método de leitura de imagens que demanda erudição e conhecimentos amplos, cultura no sentido de “bildung”. A análise identifica símbolos que possuem uma extensa tradição cultural, evidenciando uma leitura predominantemente fundamentada na psicanálise em diversas de suas vertentes: junguiana, freudiana, lacaniana, kleiniana. Tal abordagem simbólica também permite identificar uma forte influência da perspectiva analítica de Gilbert Durand (o qual fez parte do Círculo de Eranos, o qual Jung também integrou), influência esta que o autor não explicita em seu livro. Sendo assim, a partir da ênfase na identificação e interpretação de símbolos, percebe-se claramente a influência de uma perspectiva de análise hermenêutica, nos moldes sugeridos pelos pressupostos teóricos de Gilbert Durand.

Na apresentação do filme pelo autor em sua introdução, o autor afirma pertinentemente que: “utiliza-se a conceituação freudiana sobre os sonhos – sem que se reduza o filme a uma mera expressão da teoria – como ferramenta de análise” (p. 12). Assim, esclarece que não defende uma redução do filme a uma teoria, mas que esta consiste em apenas uma das ferramentas analíticas possíveis para a interpretação de filmes.

Ainda na introdução, o autor faz referência ao método de análise que orientou sua abordagem aos filmes e à pintura, denominado de metanálise, ao qual define na segunda nota de rodapé como “a interpretação de uma obra de arte que visa agregar novos significados a ela”. (p. 47). Portanto, para esse fim, tal interpretação é construída buscando uma rede de elementos de diferentes campos do conhecimento, os quais possibilitam encontrar um sentido para os enigmas encontrados nas obras fílmicas e pictóricas, mais especificamente nas obras cujas

análises são apresentadas no presente livro. Assim, é possível identificar um forte componente interdisciplinar na análise.

Assim, é possível perceber um guia norteador para a leitura do autor embasada nas referências teóricas e metodológicas anteriormente aqui apresentadas, constituindo assim um procedimento geral de uma determinada visão em comum sobre as obras. Entretanto, para a análise pormenorizada de cada filme, o autor se utiliza de procedimentos diferenciados para atender às especificidades das obras focalizadas, que parecem ao autor mais viáveis para proceder à análise, articulando assim com elementos externos que de alguma forma podem esclarecer aspectos obscuros presentes nos filmes e na pintura em questão.

No caso da análise da pintura, apresenta-se diferente dos ensaios anteriores. Esta análise é apresentada por último no livro, é escrita de forma romanceada, na forma de um conto, e visa apresentar diversas interpretações, teorias e hipóteses que foram aventadas durante os aproximadamente seis séculos em que tal obra tem sido objeto de investigação e questionamentos.

Na introdução, o autor apresenta uma síntese sobre os filmes a serem analisados, sua ficha técnica e informações contextuais acerca dos mesmos. Assim, o livro traz contribuições para que os espectadores possam encontrar informações que lhes permitam compreender diferentes questões abordadas nos filmes, reunindo informações esparsas para esse fim.

Com relação à leitura de “O livro de cabeceira”, o autor inicia a análise contextualizando o cineasta, informando sua formação, sua trajetória profissional, seus filmes anteriores e as características de sua obra em geral, mencionando também aspectos técnicos sobre o filme em questão. O autor também aponta pintores japoneses e ocidentais que inspiraram cenas do filme, identificando assim referências e citações pictóricas presentes no filme. Explicita também a referência feita pelo filme à escritora japonesa Sei Shonagon cujo livro clássico intitula-se “O livro-travesseiro”, o título do filme em inglês. Descreve cenas importantes para a compreensão do filme, na ordem em que ocorrem e traduz os poemas, importante contribuição para que o filme seja compreendido por espectadores de língua portuguesa, tendo em vista que os poemas aparecem escritos sobre corpos, em língua japonesa.

Assim, na primeira parte do texto o autor apresenta descrições de cenas do filme intercaladas com as traduções das poesias, conforme a seqüência em que aparecem no filme. E na parte subtitulada Conclusão, realiza uma análise psicanalítica do filme e após, em anexo, apresenta os 13 poemas em inglês. O autor analisa cada poema, aos quais chama de livrocorpos, e lhes dá sua interpretação a partir dos símbolos que aparecem escritos nos poemas, remetendo assim a suas imagens correspondentes e possíveis significados.

Com relação à leitura de “Crash, estranhos prazeres”, o autor articula o tema do filme com um conto do autor, e principalmente com a novela homônima e que originou o filme, escrita por James Ballard. Trata-se de um tema extremamente controvertido, relativo a erotismo proveniente de acidentes (automobilísticos e aéreos), tendo como temática a relação com a tecnologia. O autor trata a temática com isenção, buscando não rotulá-la como psicopatologia, obsessão ou perversão, realizando uma leitura psicanalítica fundamentada em Freud e Lacan. Descreve algumas cenas e traz excertos da novela Crash. E também faz uma leitura de âmbito sociológico, analisando aspectos mais amplos da sociedade, como os interesses econômicos, alienação, consumo, o “mundo feito mercadoria”, bem como também a sociedade como espetáculo. Remetendo portanto também a Zygmunt Bauman, Oliviero Toscani, Jean Baudrillard e Guy Debord. Também faz uma análise simbólica (ex. do carro – p. 60).

Na apresentação que faz do filme, na Introdução, o autor traz informações estatísticas sobre acidentes de trânsito e informações sobre reações da recepção ao filme em diversos países.

Com relação à leitura do filme “Cidade dos Sonhos”, o autor caracteriza-o como um “aparente caos imaginário” (p. 61), e analisa o filme como a um sonho, sendo que para tal análise, a chave que o autor fornece para a interpretação deste filme consiste em relacionar as cenas que se apresentam desconectadas, as quais acabam gerando confusão entre sonho e realidade. Assim, o autor também considera a forma do filme, o modo como se apresenta, com ligação fragmentada e incoerente entre as cenas, remetendo aos sonhos, que geralmente demonstram características semelhantes. O autor realiza a descrição de cenas, buscando inteligibilidade do filme, sendo que no final, sintetiza afirmando tratar-se de um sonho

sobre cinema.

O autor parte da identificação de duas narrativas: uma realista e a outra onírica, e recorre à teoria freudiana sobre a interpretação dos sonhos, sintetizando os processos de elaboração onírica (p. 62) e identificando categorias inconscientes nas cenas do filme, recorrendo também a mitos. Mas como o filme torna difícil perceber quem está sonhando devido à dificuldade em identificar quais cenas referem-se à realidade e quais aos sonhos, e no filme não aparece claramente o sujeito sonhador. Portanto, o autor conclui que o sonhador consiste em “um sujeito sem identidade” (p. 63).

Com relação às leituras dos filmes, com relação ao direcionamento metodológico mencionado, a próxima análise diferencia-se das demais. É o caso da análise do filme sobre Kaspar Hauser, cuja ênfase é dada na história do indivíduo cujo nome deu o título ao filme, sendo que é a própria história relatada no filme (que na verdade trata-se de dois filmes de diretores diferentes sobre a mesma temática) que se constitui como um enigma a ser decifrado, tendo gerado grande quantidade de pesquisas históricas, e também filosóficas, psicológicas e também biológicas, entre outras áreas das ciências humanas e da saúde. Assim, na abordagem deste filme o autor recorre a diversos textos escritos sobre o tema, a notícias jornalísticas de histórias semelhantes, livros, artigos e obras de poetas e romancistas que voltaram sua curiosidade para a vida de Kaspar Hauser, e do texto do jurista Feuerbach. Utilizou também a autobiografia e sonhos do próprio Kaspar, como também outras referências históricas e casos semelhantes ocorridos.

E elabora um ensaio sobre diversas questões relacionadas com a história em questão, como as referentes à linguagem, à constituição social do ser humano desacreditando teorias inatistas. Tendo utilizado as teorizações de Freud, Melanie Klein, Lacan e Françoise Dolto. E remeteu também à concepção de Jean-Jacques Rousseau, do homem originariamente bom antes de ser corrompido pela cultura.

Assim, o autor apresenta diferentes hipóteses e teorias que auxiliam na compreensão dos filmes, mas deixa as diferentes possibilidades em aberto, para que o/a leitor/a possa fazer o seu próprio julgamento do caso.

No caso da leitura do filme “Solaris”, o autor articula o filme na versão de Andrei Tarkovski com a novela homônima que originou a referida adaptação para o

cinema, de autoria de Stanislaw Lem. Nesta análise, predomina a psicanálise junguiana. Sendo que articula também alguns conceitos que aparecem na novela com teóricos, como por exemplo quando cita o fisiologista alemão Du Bois-Reymond, de 1880.

Na análise deste filme, o autor aborda sobre cognição humana, epistemologia, o processo de individuação e o si-mesmo (self), sonho e realidade, auto-conhecimento, expansão da consciência. O autor interpreta o oceano a que se refere o filme como metáfora do inconsciente, e neste sentido o autor recorre a Jung e à posição deste autor sobre espiritualidade ou o numinoso.

O próprio autor explicita que não pretende focalizar “os aspectos literários da obra de Lem nem os aspectos estéticos do filme” e sim “as implicações psicológicas e filosóficas presentes na narrativa” (p. 113), optando portanto por desconsiderar os aspectos formais da arte, seja literária ou cinematográfica, e considerar os aspectos do conteúdo e suas implicações decorrentes, o que caracteriza a opção metodológica do autor.

Ainda com relação a *Solaris*, o autor apresenta diversas informações que permitem contextualizar o filme com relação à recepção na época, e recorre também a declarações provenientes do próprio diretor do filme. O autor também estabelece relações entre o filme e discussões filosóficas referentes aos limites da ciência, citando Hannah Arendt, Alexandre Kojève e outros. Neste sentido, o autor refere-se também em sua interpretação a limitações cognitivas do ser humano quanto a conhecer outras civilizações devido ao antropomorfismo característico do seu pensamento, afirmando que alguns conhecimentos ultrapassam a capacidade de compreensão por parte dos seres humanos.

Pode-se perceber que o filme traz questionamentos que vêm ao encontro do pensamento e crenças do autor, e sua leitura vai nesse mesmo caminho, articulando tais conteúdos principalmente com a concepção teórica de Jung.

O autor relaciona a cena final do filme com um quadro (“O retorno do filho pródigo” (c. 1668) de Rembrandt, inspirado na parábola de Jesus citada por Lucas em seu evangelho, recorrendo assim, como em outras leituras, a diversos elementos da cultura na interpretação do filme: a um quadro do século XVII e a um relato bíblico.

Com relação à última análise, referente ao quadro, trata-se de um conto ambientado em Florença, a partir de um roubo fictício do quadro, em uma narrativa permeada por uma linguagem leve e bem-humorada. Em meio à narrativa relata informações biográficas sobre Botticelli e o contexto cultural da época da criação da obra em questão. Fala também sobre suas dimensões, suporte, técnica, e outros detalhes como a sua última restauração, elementos históricos referentes à obra e as técnicas utilizadas nas pinturas da época, os valores que exaltavam, seus temas: religiosos e mitológicos que demandavam um determinado tipo de interpretação tradicional a partir da identificação das referências que lhes deram origem. Fala também sobre a composição, a interpretação realizada por Giorgio Vasari no século XVI, e também várias versões de interpretação do quadro. Remete também ao tema retratado também fonte de inspiração de poetas, e relaciona e identifica personagens da mitologia grega e egípcia na obra. Descreve assim os elementos presentes na obra, sendo interessante que o quadro está impresso na capa, permitindo que o/a leitor/a possa localizar as descrições na reprodução, bem como acompanhar as interpretações apresentadas.

Portanto, com base nas análises sobre os ensaios, pode-se perceber a concepção sobre arte que fundamenta o metodologia utilizada: valorização do conhecimento de informações sobre o contexto histórico, social, cultural e econômico da época de sua produção, bem como de outras informações que podem ser consideradas pertinentes para a interpretação de obras artísticas. Também a concepção de que as obras trazem e são construídas a partir de questões filosóficas, antropológicas e sociais relevantes a serem pensadas. E tais questões podem ser pensadas à luz da psicanálise, que contribui com seus conceitos e também com seu método de interpretação dos símbolos que são apresentados nos filmes. Este não foi tanto o caso da interpretação do quadro, pois para este fim foram trazidas outras informações, embora uma busca por interpretar os símbolos esteja presente, não se tratou de uma análise psicanalítica propriamente dita.

Resenha:

Recebido em: 30/04/2010

Aceito em: 10/05/2010